

dezembro de 1971, e os financiamentos de importações, que ascenderam de US\$ 1.355,2 milhões para US\$ 2.201,5 milhões. O endividamento externo, segundo os dados oficiais que estamos alinhando, era, em 31 de dezembro de 1971, de US\$ 6.621,6 milhões, dos quais nada menos do que US\$ 1.632,6 milhões venceram em 1972. Em sua maioria, os compromissos referem-se a empréstimos em moeda, a curto prazo. Até 1995, está prevista uma dívida real da ordem de 350,5 milhões de dólares, além de 527,6 milhões com vencimentos não especificados. Cerca de 63% dos empréstimos em dinheiro têm prazo máximo de vencimento de três anos. Claro está que tais previsões são teóricas; na prática, o endividamento vai crescendo, e o esquema de pagamentos terá de ser revisto.

Exame sumário da relação entre investimentos estrangeiros e remessa de lucros e juros mostra como o balanço de pagamentos vem sendo gravemente onerado pelas saídas: em 1963, os investimentos estrangeiros ascenderam a 30 milhões de dólares, mas as remessas de juros e lucros ascenderam a 147 milhões. Convém examinar, separadamente, os anos, entretanto: em 1964, entraram 28 milhões e saíram 191; em 1965, entraram 70 milhões e saíram 269; em 1966, entraram 74 milhões e saíram 291; em 1967, entraram 76 milhões e saíram 315; em 1968, entraram 63 milhões e saíram 228; em 1969, entraram 136 milhões e saíram 261; em 1970, entraram 122 milhões e saíram 353; em 1971, entraram 101 milhões e saíram 411. No total, entraram, em investimentos, 670 milhões de dólares, e saíram 2.319 milhões. A diferença, contra nós, foi, pois, de 1.649 milhões de dólares. Isto significa que *o capital estrangeiro está cada vez investindo menos e retirando mais*. A diferença, contra o Brasil, em 1971, resulta da soma de várias parcelas: 325 milhões de dólares do *déficit* da balança comercial; 310 milhões de prejuízo na relação investimento-lucro; 860 milhões de amortização de dívida externa a curto prazo; e 564 milhões em turismo, fretes e seguros, num total de 2.059 milhões de dólares.<sup>164</sup>

Como, pois, aquele teórico das finanças sustentava que a exportação é que nos permitiria evitar problemas e crises no

<sup>164</sup> "Estamos hoje poupando, seguramente, a uma taxa de 21 ou 22% do PNB, quando se acreditava que seria muito difícil superar a casa dos 16%, que nos mantinham presos aos 5 ou 6% do crescimento do Produto Nacional Bruto". (Antônio Delfim Netto: "A importância do setor exportador no processo do desenvolvimento brasileiro", in *Jornal do Brasil*, Rio, 11 de agosto de 1972). Esta confissão do titular das finanças se contrapõe frontalmente à tese sustentada por facções antinacionais de que o Brasil não dispunha de capitais, e mostra a violência do processo de acumulação da renda no chamado "modelo brasileiro de desenvolvimento".